

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

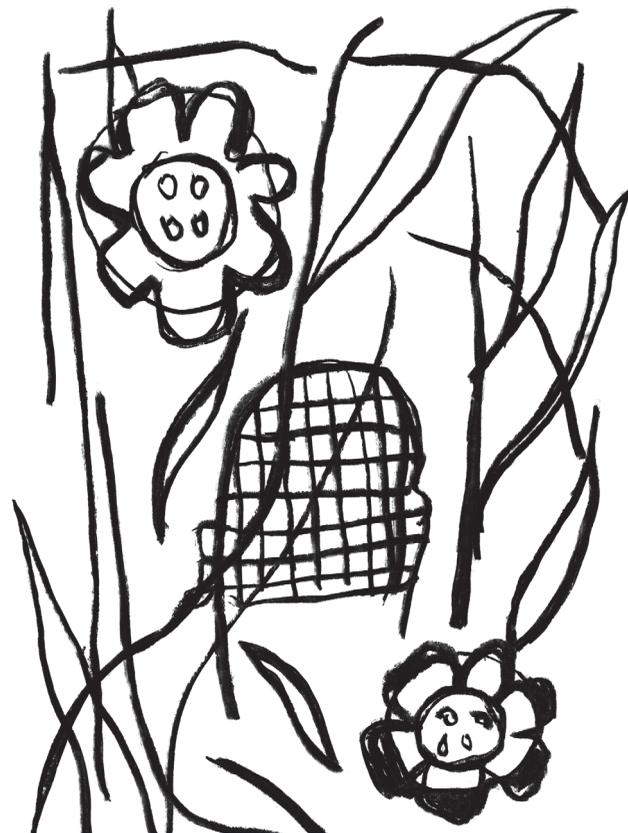


Imagem: Thomas Langley

Atelier 3+1
(França)

Omnia

Coreografia de Josef Nadj

Teatro Municipal Joaquim Benite (Almada)

Sala Principal

Sex. **9** e Sáb. **10** de Julho às **20h30**

Dom. **11** às **18h**

Duração: 55 min. • Classificação etária: M/14

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Coreografia e figurinos **Josef Nadj**

Interpretação **Djino Alolo Sabin • Timothé Ballo • Abdel Kader Diop
Aipeur Foundou • Bi Jean Ronsard Irié • Jean-Paul Mehansio
Romual Kabore • Boukson Séré**

Colaboração artística **Ivan Fatjo**

Luz **Rémi Nicolas**

Música **Tatsu Aoki & Malachi Favors Maghostut • Peter Brötzmann
& Han Bennink • Eureka Brass Band • Jigsaw • Lucas Niggli
Peter Vogel**

Régie geral **Sylvain Blocquaux**

Régie som **Shoï**

Produção e comunicação **Bureau Platô (Séverine Péan
e Emilia Petrakis)**

Co-produção **Les Nuits de Fourvière, Festival International de
la Métropole de Lyon • Les Théâtres de la Ville de Luxembourg
| Le Trident, Scène Nationale de Cherbourg-en-Cotentin • MC
93 – Maison de la Culture de Seine-Saint-Denis • La Comédie de
Valence, Centre dramatique national Drôme-Ardèche • Charleroi
danse, centre chorégraphique de Wallonie – Bruxelles • Le Grand
Angle – Scène régionale / Pays Voironnais • Les Salins, Scène
nationale de Martigues • Centre chorégraphique national de Tours
/ Thomas Lebrun (Accueil studio) • Théâtre des Quatre Saisons
– Scène Conventionnée d'intérêt national «Art et Création»**

Regresso à essencialidade

«Pois no final de contas, o que representa o Homem na Natureza? Um nada perante a infinitude? Um tudo dentro do nada? Um ponto central entre nada e tudo, infinitamente longe de compreender um como outro. Os fins de todas as coisas e os seus princípios são-lhe inexpugnavelmente ocultados num segredo impenetrável. Ele é igualmente incapaz de ver o vazio do qual foi extraído e o infinito no qual é engolido.» (Blaise Pascal, *Pensamentos*)

Acima de tudo, entender a dança como um lugar de encontro – é assim que Josef Nadj define o seu trabalho. Para além do seu papel como coreógrafo, trata-se de facto de um artista sem fronteiras nem barreiras. Bailarino, mas também artista plástico e fotógrafo, a sua visão da humanidade é poética e apaixonada. Constantemente procurando novas formas. Incessantemente disposto a explorar a Humanidade tão perto quanto possível de uma verdade humana. Ao longo da sua carreira, Nadj construiu uma obra coreográfica exigente e apaixonada, na qual alternam gravidade e compaixão, profundidade e humor. Oscilando entre a realidade e a fantasia, a tradição e a modernidade, Nadj explora o essencial: a relação do Homem consigo mesmo. Porque para ele a dança é fundamentalmente um gesto humanista.

Olho, olhar, o que é visto e até mesmo *espectáculo*, a palavra «omma», em grego antigo, é vasta de significados. Nesta sua criação, Josef Nadj mergulha numa essencialidade: a nossa capacidade para olhar para aquilo que acontece debaixo dos nossos olhos e conseguir ver o que existe nas nossas próprias profundezas.

Com isso em mente, o coreógrafo seguiu o seu desejo de regressar à essência da dança e trabalhar de uma maneira simples, focando-se nos movimentos, nas vozes, nas respirações, no ritmo e na musicalidade da peça. Assim, num espaço vazio que é ao mesmo tempo infinito e indefinido, oito homens dançam juntos: constituindo em si mesmos uma Humanidade. Cada um transporta o seu próprio universo e a combinação de movimentos cria a cosmogonia cuja finalidade é explicar a formação do Universo.

«Separámo-nos de uma origem que não desiste de nós. Precisamos de falhar, de voltar uma e outra vez para voltar a falhar melhor», escreveu Etienne Klein, citando Samuel Beckett. É este o fio de pensamento que o coreógrafo seguiu através deste seu trabalho, tendo em mente e em corpo a ideia de recomeçar a viver, de ficar desperto, de estar presente no Mundo.

Pela confrontação entre o seu mundo imaginário e aqueles dos seus bailarinos, Nadj construiu com eles várias pequenas narrativas que são como vários átomos constituintes de uma matéria plural. Juntos, abordam temas tais como o encontro com o outro, a nossa relação com a Natureza, o infinito, o tempo, o rasto do passado e o destino. Através da dança, Josef Nadj conta-nos uma história global sobre a génese da nossa humanidade. Tão simples quanto isso. |

Marylène Malbert